

VIDA  
BRASILEIRA

Moradores das aldeias de todo o país migram para as cidades em busca de emprego e educação. Misturados na multidão, fazem bicos, trabalham no comércio e muitos conseguem estudar até chegar a um curso superior

# Os índios invisíveis

Cristina Ávila  
Da equipe do Correio

**O** Brasil tem mais de 550 mil índios. Quase um terço deles, entre 150 mil e 190 mil, mora nas cidades. São brasileiros que falam línguas diferentes e cultuam deuses estranhos. Dançam e cantam em favelas, fazem pajelança em pensões e vivem pelas calçadas. Para se proteger da violência urbana, formam comunidades fechadas, mantêm a religião como vínculo com as aldeias e ingressam nas universidades para melhorar a qualidade de vida.

No país, existem entre 215 e 235 povos indígenas que ainda moram nas aldeias distribuídas por 756 áreas em 24 estados. Falam aproximadamente 180 línguas e com costumes diferentes. Só não existem aldeias no Rio Grande do Norte e Piauí, por causa das invasões de fazendeiros e do crescimento das cidades, que no Nordeste provocaram mais expulsões de índios dos territórios tradicionais do que em outras regiões do país. Também não há territórios indígenas no Distrito Federal.

Os que abandonaram suas terras estão espalhados pelas cidades de todo o país, especialmente em busca de trabalho e escola. A maior parte sobrevive de bicos. "As grandes obras nacionais, como a fundação de Brasília, estradas e a construção civil em São Paulo sempre atraíram índios", diz a antropóloga Ana Costa, assessora da Diretoria de Assistência da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Eles vivem nas cidades grandes e nas zonas urbanas do interior. "Os kayapó têm várias casas em Redenção, no Pará", comenta a antropóloga. "Eles precisam ir à cidade para vender abóbora, comprar sal, roupas", explica ela. As pessoas da cidade também vão atrás da farinha e dos adornos, às vezes exportados, que os índios produzem. E dos produtos de comércio irregular, como a madeira e os minérios.

Ana Costa ainda comenta que o plantio de soja no entorno dos territórios indígenas provoca a poluição de rios com agrotóxicos, a destruição de nascentes e córregos com o desmatamento de margens, provocando a redução da caça. Com a falta de alimentos naturais, os índios são obrigados a conseguir outro jeito para sobreviver.

Nas cidades, eles trabalham em lanchonetes, restaurantes, as mulheres lavam roupas, são funcionários públicos e estão conseguindo se tornar profissionais com curso superior. "Somos os índios invisíveis. Nossos vizinhos brancos geralmente não sabem que estamos ali, morando e trabalhando do seu lado. Não sabem que somos índios", conta Frederico Barros Pankararu, presidente da SOS Índigena Pankararu, associação dos índios que saíram de Pernambuco para morar na capital paulista.

A luta pela sobrevivência inclui vencer o preconceito. "Muita gente acha que a gente é incapaz, quando a gente vai pedir emprego", diz o xavante Jeremias Pinita'awe Tsibodowaprê, vereador em Campinápolis, no Mato Grosso. O principal projeto dele na Câmara de Vereadores é eletrificar aldeias do estado.

Jeremias admite que viver na cidade é um risco para as tradições. "Mas ficar na aldeia com arco e flecha é utopia. Ir para a cidade é ruim, mas é inevitável. Nós queremos melhorar o nosso padrão de vida, e estamos preparando a nova geração para o futuro".

Luis Prado



ADILSON PANKARARU SAIU DE PERNAMBUCO PARA MORAR EM SÃO PAULO. HOJE MORA NUM PRÉDIO OCUPADO APENAS POR ÍNDIOS NO CONJUNTO CINGAPURA E ESTUDA CIÊNCIAS CONTÁBEIS NA PUC

## A grande aldeia paulistana

Os pernambucanos pankararu são o maior grupo de índios que vivem na maior cidade brasileira, em São Paulo. A metrópole também abriga os guarani, kaingang, krenak, terenas e fulniôs. Moram em favelas, apartamentos, lotes e em uma pequena área de mata com menos de um hectare, onde um dia foi território indígena tradicional, aos poucos cercado por concreto.

O presidente da Pastoral Indigenista da Arquidiocese de São Paulo, historiador Benedito Preziza, diz que aproximadamente 1.000 pankararu vivem na cidade. Deles, cerca de 550 estão na favela Real Park do Projeto Cingapura, ao lado do rico bairro

residencial do Morumbi.

Os guarani são cerca de 800 pessoas. Uma das aldeias é uma espécie de ilhazinha de mata verde, com 0,2 hectare, no subúrbio de Pirituba, onde vivem 80 pessoas. Com escola bilíngüe, desde o ano passado. A professora é Poty Poran, 24 anos. "Há 30 anos meu avô já lutava por essa escola", conta. Na minúscula aldeia, o pajé cura com ervas e rezas.

A religião ajuda na união e proteção. Por volta de 1994, oito pankararu foram assassinados. Em 1995, os índios fundaram a SOS Índigena Pankararu. Depois, só houve um crime, em 1998. "Orientamos às famílias

quem não segue regras é mandado para a aldeia", conta o presidente da SOS, Frederico Barros Pankararu, 46 anos.

A aldeia de origem dos Pankararu é Brejo dos Padres, perto de Petrolina (PE), para onde viajam todos os anos. Eles vão para a terra natal com o objetivo de não se distanciarem dos rituais. Mesmo na cidade o pajé "abre mesas espirituais" nos apartamentos, ao som de instrumentos e cantos tradicionais.

A vida na cidade não tem espaço para festas religiosas, mas oferece sobrevivência. Neste ano, 22 pankararu do Cingapura entraram na PUC. Eles têm movimento estudantil organizado,

conseguiram bolsas de estudo. Adilson Barros da Silva Pankararu, de 30 anos, é um deles. Ex-servente de pedreiro, desempregado, conseguiu uma vaga em Ciências Contábeis. E faz planos para o futuro na cidade grande. "Vou prestar serviços de contabilidade para a comunidade e pretendo até fiscalizar as finanças da Funai."

Depois de criarem os filhos, eles costumam voltar para a aldeia. "Nos mês que vem, viajo. Não aguento mais de saudade", diz Dalva Risalva Pankararu, de 41 anos. "Lá, a gente tem muito mais liberdade e segurança."

COLABOROU CRISTIANA FELIPPE

### MEMÓRIA

#### A volta das etnias extintas

Desaparecidos na periferia de cidades, misturados às comunidades ribeirinhas ou vivendo anônimos em fazendas, alguns povos indígenas chegaram a ser considerados extintos. Mas estão ressurgindo. Um levantamento do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), registra que entre 1973 e 2001 apareceram 64 etnias reivindicando a identidade perdida.

Em dezembro, a Funai reconheceu oficialmente os kaxixó, que moram na periferia da cidade de Martinho Campos, a 140 quilômetros de Belo Horizonte. "No passado, os índios foram proibidos por milícias de fazendeiros a se identificar, a falar a sua língua", explica o diretor de Assistência do órgão federal, Wilton Andrade.

A perseguição é antiga. Em 1936, por exemplo, o governo da Bahia chegou a enviar tropas policiais às aldeias pataxó há-hã-hã por considerar que seriam uma célula comunista. Há cinco anos, os maxakali (MG) foram expulsos a tiros de uma feira na cidade de Batinga, no estado, só por antipatia popular.

Eles ressurgem encorajados pelo movimento indígena, que conseguiu garantir direitos na Constituição e tem mais de 300 organizações nas margens de rios, florestas e cidades. Começaram a se organizar em encontros clandestinos, durante a ditadura.

### PERFIL

#### Pajelança em Brasília custa R\$ 80

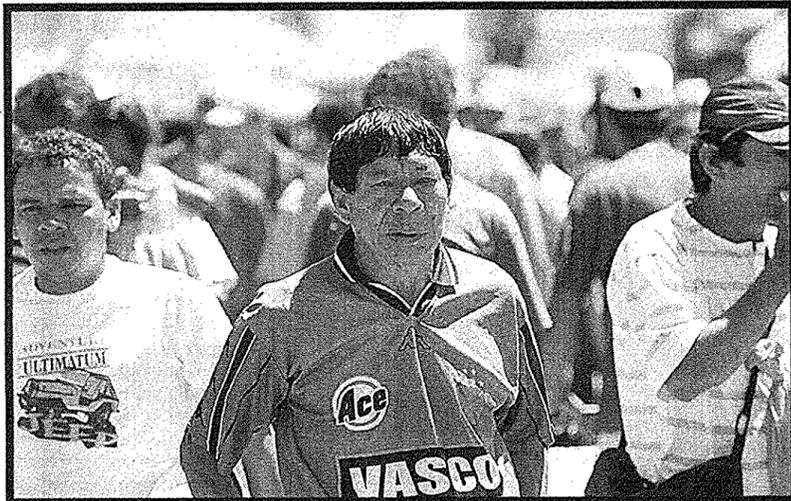
O velho pajé Sapaim mora há sete anos em Brasília. Ele é kamaiurá, de uma aldeia às margens do rio Xingu, em Mato Grosso. Ficou famoso em 1986 por tratar do naturalista Augusto Ruschi. Hoje vive em uma pensão na W3 Sul e cobra R\$ 80 para espantar energias de maus espíritos em homem branco.

Foi o então presidente José Sarney quem mandou buscar Sapaim da aldeia para ajudar Ruschi. Aos 70 anos, o pesquisador de beija-flores e orquídeas estava doente por causa do veneno de um sapo.

"Estou em Brasília porque minha filha estuda aqui", diz Sapaim. "Mas não deixo casar com branco. Quando terminar os estudos, ela volta, para ajudar o nosso povo". O pajé não sabe a idade que tem e calcula que a filha tenha 15 anos.

Sapaim mora com a mulher

Ricardo Borba



SAPAIM VIAJOU O MUNDO FAZENDO PAJELANÇAS E AGORA MORA NA W3 SUL JUNTO COM A MULHER E A FILHA

e a filha em uma das pensões mantidas pela Funai. Frequentemente volta à aldeia, fica meses no Xingu. Ele diz que nos últimos sete anos viajou várias vezes para atender ricos, com

pajelanças. "Fui ao Rio de Janeiro, Nova Iorque, Washington, Marrocos, México, Suíça."

Ele garante que a medicina indígena dá resultado. "Eu tiro a dor e as preocupações que os

espíritos ruins colocam na cabeça. Mas só curo doença do espírito, doença de homem branco, não." Ele diz que não vai cobrar em dinheiro a próxima consulta. Quer um celular.